2023

25.03 —
27.05

EXPOSIÇÃO COLETIVA

SUPERFÍCIE

Petite Galerie: Franco Terranova e as vanguardas brasileiras

WANDA PIMENTEL CILDO MEIRELES JAC LEIRNER
HÉRCULES BARSOTTI SÉRVULO ESMERALDO LUIZ
ALPHONSUS WILMA MARTINS RUBEM VALENTIM
PIETRINA CHECCACCI GLAUCO RODRIGUES
MIRA SCHENDEL REGINA VATER CARLOS ZILIO
ANTONIO MANUEL CARLOS VERGARA MILTON
DACOSTA MARIA LEONTINA ANGELO DE AQUINO
ANTONIO DIAS MARCELLO NITSCHE ROBERTO
MAGALHÃES WILLYS DE CASTRO ALFREDO VOLPI
AVATAR MORAES LYGIA PAPE MARIA DO CARMO
SECCO RUBENS GERCHMAN SERGIO CAMARGO
ANNA MARIA MAIOLINO RAYMUNDO COLLARES

Petite Galerie: Franco Terranova e as vanguardas brasileiras

25.03
—
27.05
2023

ARTISTAS

Alfredo Volpi
Angelo de Aquino
Anna Maria Maiolino
Antonio Dias
Antonio Manuel
Avatar Moraes
Carlos Vergara
Carlos Zilio
Cildo Meireles
Glauco Rodrigues
Hércules Barsotti
Jac Leirner
Luiz Alphonsus
Lygia Pape
Marcello Nitsche
Maria do Carmo Secco
Maria Leontina
Milton Dacosta
Mira Schendel
Pietrina Checcacci
Raymundo Collares
Regina Vater
Roberto Magalhães
Rubem Valentim
Rubens Gerchman
Sergio Camargo
Sérvulo Esmeraldo
Wanda Pimentel
Willys de Castro
Wilma Martins

Gustavo Nóbrega

Uma única exposição certamente não daria conta da vasta atuação de Franco Terranova junto à Petite Galerie. Justapondo-se a mais de quatro décadas de eventos que marcaram a história da arte brasileira, são incontáveis as exposições realizadas pelo notório galerista. O seu legado pode ser hoje revisitado graças aos mais diversos convites, cartazes e catálogos produzidos pela galeria. Foi a partir do encontro com o precioso Acervo da Petite Galerie — cuidadosamente mantido por Paola Terranova —, que escolhi construir a narrativa que estrutura esta mostra.

Na celebração de seus cem anos, *Petite Galerie: Franco Terranova e as vanguardas brasileiras* apresenta a história de uma das mais importantes galerias do país por um viés temporal entre os anos 1950 e 1980. Esta mostra procura traçar a trajetória e revelar as ideias de um galerista que enxergou para além do mercado: com sua sensibilidade de poeta, tornou possível projetos e propostas artísticas cujo compromisso era seguramente voltado mais à arte que ao comércio.

Franco Terranova expandiu as fronteiras do mercado de arte brasileiro: concebeu a primeira galeria do país com a proposta de cubo branco — atualizando um circuito que até então só existia em lojas de antiquário —, introduziu o contrato de exclusividade com artistas, promoveu grandes leilões com obras vendidas a prazo e realizou salões e prêmios. Com certeza, a Petite Galerie foi um dos espaços de arte mais importantes do Brasil.

Nesse contexto, tomo o lugar de 'curador' e faço uma homenagem de galerista para galerista. Com um olhar retrospectivo, procuro destacar artistas, obras e exposições que revolucionaram a arte no Brasil. A exposição conta com a publicação do texto de Frederico Morais — escrito originalmente em 1996, por ocasião da retrospectiva *Petite Galerie, uma visão da arte brasileira* — e se organiza em três núcleos históricos.

O primeiro dedica-se à abstração geométrica dos anos 60 e a artistas neoconcretos que na época faziam sua estreia no mercado de arte, como Willys de Castro e Hércules Barsotti, que tiveram uma mostra conjunta na PG em 1962, sendo a primeira da dupla de artistas no Rio de Janeiro. Além de nomes como Alfredo Volpi, Sergio Camargo, Rubem Valentim, Sérvulo Esmeraldo, Maria Leontina e o pintor Milton Dacosta.

O núcleo seguinte é voltado à 'Nova Figuração Brasileira': movimento que marcou uma década no mundo todo com a revalorização da arte figurativa em contraponto ao abstracionismo que prevalecia até então. Fazendo uso de uma forte linguagem gráfica, cores primárias chapadas, símbolos e signos que sintetizavam a cultura de massa em meio ao contexto social da época. Apesar da forte referência na *Pop Art* estadunidense, no Brasil o movimento se consolidou a partir de um posicionamento diferente do americano, com nomes como Rubens Gerchman, Antonio Dias, Carlos Vergara, Glauco Rodrigues, Roberto Magalhães, Carlos Zilio, Wanda Pimentel, entre outros. Eles representavam um novo olhar para a arte figurativa, cuja linguagem gráfica de imagens midiáticas do cotidiano vinha carregada de posicionamentos político-ideológicos, como uma forma de crítica ao regime militar e os subsequentes problemas socioeconômicos.

No terceiro e último núcleo, reúno uma série de obras da década de 70 de artistas conceituais da chamada 'Geração dos Novos Meios', caracterizada pelo uso de novas linguagens e tecnologias, com obras gráficas; objetos e vídeos; incluindo as ações 'clandestinas' de Antonio Manuel em jornais de circulação da época; além das *Inserções em circuitos ideológicos* de Cildo Meireles, como o célebre Projeto Coca-Cola exibido pela primeira vez na Petite Galerie. Registros e documentos contam também a história da icônica exposição *Nova Crítica*, de Frederico Morais. Nela, o crítico coloca-se como artista a fim de questionar a ideia de criação dentro do próprio meio artístico.

Há ainda um conjunto de filmes em Super 8 — alguns inéditos, encontrados no arquivo da PG — de autores como Mira Schendel, Wanda Pimentel, Anna Maria Maiolino e Marcello Nitsche. Inclúi também obras expostas na galeria Arte Global, criada pela Rede Globo em São Paulo nos anos 70, dirigida por Franco Terranova e Raquel Arnaud. Neste espaço, realizaram diversas exposições, desde artistas que usavam suportes tradicionais como a pintura e a escultura, até as mais variadas experimentações, como a histórica mostra *Eat Me – A gula ou A luxuria* (1976), de Lygia Pape, censurada por um alto executivo da companhia televisiva devido ao seu caráter erótico e debochado.

Por fim, muitas outras histórias poderiam ser contadas a respeito de Franco Terranova e os momentos de altos e baixos que a Petite Galerie enfrentou, assim como os inúmeros artistas que tiveram sua passagem por lá e que perfeitamente poderiam integrar essa exposição em sucessivos núcleos. No entanto, seria quase impossível expor em um único espaço os diversos acontecimentos realizados na histórica PG e a rica contribuição que Franco Terranova deixou para a arte brasileira.

Frederico Morais [1996]

Texto escrito em ocasião da mostra *Petite Galerie, uma visão da arte brasileira* (1996)

1

Em meu livro *Cronologia das Artes Plásticas no Rio de Janeiro*, 1816 -1994 (Topbooks, 1995), registrei, em verbetes específicos, a existência de 180 galerias de arte em nossa cidade. Em 1860, por exemplo, a Galeria Ruquet, na rua do Ouvidor, anunciava "rica coleção de pinturas a óleo dos mais célebres artistas espanhóis e italianos, como Murillo, Velásquez Herrera, Guido Reni etc." Em 1877, o pintor Belmiro de Almeida expunha na Casa de Wilde, que ficava à rua Sete de Setembro, 102. Fundada por Laurent de Wilde, professor de esgrima nascido na Bélgica, a Casa de Wilde era um misto de lojas de materiais de arte e galeria. Manteve-se ativa até pelo menos 1885, pois nesse ano mostrava pinturas de Castagneto. No ano seguinte, esse mesmo artista expunha na Casa Vieitas, cujo proprietário era um rico comerciante português, importador e exportador de produtos manufaturados. Apreciador de arte, constituiu um importante acervo, que expunha regularmente, intercalando com mostras individuais. Era ainda Castagneto que ali expunha em 1930.

Mas o primeiro *marchand de tableaux* digno do nome, no Rio de Janeiro, foi, sem dúvida, Jorge de Souza Freitas. Gerente da Casa de Vieitas, entre 1891 e 1900, ajudou a fundar, em 1902, a Galeria Rembrandt, da qual se afastaria em 1907 para abrir, no ano seguinte, a galeria que levaria o seu nome. Carlos Rubens, em seu livro *Impressões de Arte* (1921), faz os maiores elogios à Galeria Jorge: "Não era apenas uma casa onde o amador culto podia adquirir um quadro. Era mais. Era uma escola, um lugar onde mestres e discípulos, amadores e curiosos, todo o grande público, podiam ver as últimas novidades dos salões europeus. Todos os artistas que lá entravam eram hors concours, gente de pincel lavado". A Galeria Jorge, que expunha brasileiros e estrangeiros, chegou a manter filial em São Paulo, e, no Rio de Janeiro, teve vários endereços, o último deles à Avenida Visconde de Pirajá, 102, já nos anos 40.

Das galerias surgidas neste século, a primeira a se destacar foi a de Theodor Heuberger, que viera ao Brasil trazendo uma exposição de arte gráfica alemã, em 1925, e por aqui ficou. À mostra foi montada à Rio Branco, 122, provável endereço da galeria. Heuberger, que traria outras exposições de arte alemã, em 1931, a Pró-Arte e, em 1936, a firma Casa & Jardim, que fazia, às vezes, papel de galeria, inclusive em sua filial paulista.

Outra importante galeria carioca, criada na década de 40, foi a do livreiro polonês Miécio Askanazy, que ocupava um sobrado na rua Senador Dantas, 55, onde expuseram, entre outros, Vieira da Silva, Roger van Rogger e Antonio Bandeira. Mas, de todas as mostras promovidas por Askanazy em sua livraria-galeria, a mais importante foi *Arte condenada pelo III Reich*, acompanhada de um excelente catálogo, com apresentação de Hannah Levy, que reuniu obras de artistas que integraram a famigerada mostra de 'arte degenerada', mandada realizar pelo regime nazista, em Munique, 1937, entre os quais estavam Lasar Segall e Wilhelm Woller.

No século passado, as galerias faziam um leve contraponto às exposições gerais, promovidas pela Academia Imperial de Belas Artes e, a partir de 1890, na República, pela Escola Nacional de Belas Artes. Essas exposições eram acontecimentos extraordinários na vida da cidade, atraindo dezenas de milhares de visitantes. Na primeira metade do século, elas faziam pendant com chamadas 'galerias culturais', entre as quais se destacaram as do Instituto Brasil Estados Unidos e do Instituto de Arquitetos do Brasil, fundadas respectivamente em 1940 e 1943. E havia também o Palace Hotel, que abrigou exposições organizadas, a partir de 1928 e até o início dos anos 40, pela Associação de Artistas Brasileiros. O Palace Hotel, que ficava à Avenida Rio Branco, atuou verdadeiramente como um Museu, promovendo exposições antológicas, nacionais e internacionais, cabendo mencionar, entre outras, a de artistas da Escola de Paris, organizada por Vicente Rego Monteiro e Géo-Charles, em 1930, e a mostra internacional de arquitetura tropical, em 1933, além de individuais de Cícero Dias, Portinari, Tarsila do Amaral, Ismael Nery, Lasar Segall, Carlos Scliar, Kaminagai, Nivouliés de Pierrefort etc.

As primeiras galerias instaladas no Rio de Janeiro situavam-se, obviamente, no centro da cidade. Nos anos 40/50 já alcançavam os bairros do Flamengo, Botafogo e Copacabana e assim, sucessivamente, até os anos 90, foram se instalando em Ipanema, Gávea, Joá, São Conrado e Barra.

Eram simultaneamente lojas de materiais artísticos, antiquários, molduraria, livrarias ou estúdios de fotografia. Já em 1894, por exemplo, o estúdio de fotografia de Insley Pacheco, era inaugurado com mostra de Benno Teidler, recém — chegado ao Brasil. E foi no Studio Nicolas, do 'boêmio-milionário' Nicolas Alagemovitz, que Ismael Nery realizou, em 1930, sua primeira individual, reunindo mais de uma centena de desenhos e aquarelas. Jorge Beltrão, antiquário, mantinha uma molduraria em sociedade com o pintor japonês Eisaburo Nagasaka, à rua Siqueira Campos, 10, em Copacabana. Ali nasceu a Galeria Montparnasse, depois transferida para a rua Constante Ramos, onde encerrou suas atividades em 1956. Nesse mesmo ano, entretanto, Jorge Beltrão abriu nova galeria, a Montmartre, que ficava à rua São Clemente, em Botafogo.

Os primeiros galeristas eram, pois, comerciantes ou desenvolviam atividades paralelas — moldureiros, livreiros, antiquários etc. Quando as galerias alcançam Copacabana e Ipanema, elas são novamente híbridos de lojas de móveis e galerias, tendo como proprietários ou dirigentes arquitetos e designers, como Joaquim Tenreiro. Nos anos 70, os novos galeristas vêm em grande parte da área financeira e do mercado de capitais. E não por acaso, o primeiro *boom* do mercado de arte no Brasil coincide com o boom das bolsas de valores no início dos anos 70. As galerias mais expressivas souberam acompanhar as tendências e comportamentos da arte brasileira. Jorge de Freitas, quando esteve à frente da Casa Vieitas, apoiou o Grupo Grimm, que combatia a Academia Imperial de Belas Artes, e em sua própria galeria, abriu espaço para os jovens integrantes do Núcleo Bernardelli. Da mesma forma, Miécio Askanazy expôs, antes de tudo, artistas europeus que, como ele, vieram para o Rio fugindo da guerra na Europa. E ao realizar, com apoio da Casa do Estudante do Brasil, a mostra de artistas repudiados por Hitler, estava, simultaneamente, apoiando a campanha a favor da democratização do Brasil.

Como se vê, a história do mercado de arte no Rio de Janeiro é, simultaneamente, a história do desenvolvimento econômico da cidade acompanhando passo a passo sua evolução urbanística e cultural.

2

A Petite Galerie, da mesma forma, ilustra, com perfeição, estas relações entre mercado de arte e o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade. Não foi a primeira galeria a se ocupar exclusivamente de arte, nem a primeira a promover arte moderna no Rio de Janeiro. Mas, sem dúvida, foi a primeira a introduzir técnicas atualizadas de marketing cultural, bem como o agenciamento de artistas. Ela inaugurou, de fato, uma nova etapa do mercado de arte do país. Mais: a história de suas realizações ao longo de três décadas, foi a exata expressão da personalidade culta e participante de Franco Terranova, que atuou de forma dinâmica e inteligente na modernização do mercado de arte brasileira.

Com efeito, nascido em Nápoles, Itália, em 1923, numa família de nobres e latifundiários, Terranova teve uma formação humanista e conviveu, em sua juventude acadêmica, com colegas que mais tarde iriam se tornar importantes intelectuais, cineastas e diretores teatrais na Itália. E ele mesmo fez-se um refinado poeta, com vários livros publicados no Brasil. Terminada a Segunda Guerra Mundial, com a Europa econômica e moralmente destroçada, veio para o Brasil, aqui chegando em 1947, sem um vintém no bolso. Muitas noites precisou dormir na praia ou em bancos de praça, antes de se transferir para São Paulo, onde trabalhou nas Indústrias Matarazzo e de onde partia em incursões pelo Norte do Paraná organizando exposições de arte brasileira.

La Petite Galerie foi fundada em 1953 pelo escultor peruano de origem italiana Mário Agostinelli, que vivera algum tempo em Paris. Este fato, associado às diminutas dimensões da galeria (media 4 e 5 metros, com um pé direito de 180 cm, ou seja, era uma cave à avenida Atlântica, 2964 C, ao lado do Cinema Riam), dá origem ao seu nome.

A história da galeria pode ser dividida em três fases, bem distintas, cada uma correspondendo a endereços e sócios diferentes. A primeira, de tateamentos e aprendizado, se desenvolve nos anos 50, no endereço citado. Com o retorno de Agostinelli à Europa, em 1954, Terranova assume a direção, tendo como sócio um *doublé* de dentista e dono de agência de detetives, com o qual, aliás, nunca se entendeu bem. Em 1955, tinha como sócios o crítico italiano Pedro Manoel Gismondi e sua mulher, a pintora Maria Cecília. Mas a situação econômica continuava difícil e Terranova, para sobreviver, ia às escondidas vender gravata e balas nos subúrbios cariocas. No ano seguinte, André Spitsman Jordan e Fernando Pessoa de Queiroz compraram a parte de Gismondi.

A segunda fase, quando passa a se chamar apenas Petite Galerie, coincide com a entrada de dois novos sócios: José Carvalho, proprietário das Lojas Ducal, e José Luiz Magalhães Lins, dono do Banco Sotto Mayor. Transfere-se, então, para a Praça Gal. Osório, 53, em espaço especialmente projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes. Ali permaneceu dez anos, período em que tomou iniciativas arrojadas, como leilões, vendas de obras a prazo e contratos de exclusividade com Milton Dacosta, Maria Leontina, Di Cavalcanti, Guignard (que inaugurou a nova sede), Rubem Valentim, Glauco Rodrigues, Marcelo Grassmann, Scliar, Darel, Marcier e Gastão Manoel Henrique. Foi a década, também, que a PG promoveu diversos salões e concursos.

A terceira fase tem início em março de 1971, com o afastamento de José Carvalho, substituído por um sócio paulista, João da Rocha Lima. O novo endereço é rua Barão da Torre, 220, em Ipanema. Foi uma época de altos e baixos: o poeta começa a tomar o lugar do marchand de quadros. Mesmo assim, e acompanhando os deslocamentos da economia brasileira e do próprio mercado de arte, abre filial em São Paulo, na avenida Paulista, 1731, gerenciada por Pedro Manuel Gismondi, seu antigo sócio no Rio. Durou pouco a experiência paulista. Houve um segundo endereço à rua Haddock Lobo. Mas Terranova ainda teve disposição

para cuidar da programação da Galeria Global, da Rede Globo de Televisão, na alameda Santos, 1973, que ele ajudou a fundar e na qual desenvolveu um esplêndido programa de exposições, acompanhada de bons catálogos desenhados por Fernando Lemos.

Em 1983, em nova crise financeira, Terranova torra todo o acervo da galeria em três dias de leilões, provocando a ira de muitos artistas, que o acusaram de aviltar os preços das obras, comprometendo assim o valor de mercado. Terranova decide, então, encerrar suas atividades como galerista, ao mesmo tempo que criava, no mesmo endereço, o Cabaré Voltaire, espécie de central de eventos multidisciplinares, ou como diziam seus coordenadores — Afonso Grisoli, Rogério Sganzerla, Júlio Bressane e Eliseu Visconti — um *all night show*, com projeção de filmes, espetáculos de teatro, eventos e incursões pela dança e literatura. Esta nova experiência durou dois anos. O fechamento 'definitivo' ocorreu em 7 de julho de 1988, com um evento surpreendente, *O Eterno é Efêmero*, idealizado e coordenado pelo próprio Franco Terranova, com integral apoio de seus amigos artistas. Estes, durante três dias, cobriram as paredes da galeria com obras de arte especialmente criadas para o evento, obras que foram, mais tarde, quando da entrega do prédio ao novo proprietário, José Montesanti, pintadas de branco. Tudo devidamente documentado em vídeo por Maria Teresa Cristina.

A transformação da PG em Cabaré Voltaire não significou o encerramento das atividades. No campo da dança moderna, do Petit Studio, que desde 1980 vinha funcionando nos fundos da galeria, dirigido por Rossella Terranova e, ainda hoje, ativo em outro endereço. Coreógrafa das mais respeitadas, Rossella realizou diversos espetáculos, inclusive em praça pública, como, entre outros, *A Criação do Mundo*, com cenários e figurinos de Hidelbrando de Castro, e *Movimento e Mutações*.

3

A Petite Galerie foi fundada num momento decisivo das artes plásticas brasileiras, momento também de arranque econômico do país — implantação da indústria automobilística, plano de metas de Jucelino Kubitschek, substituição de importações, crescimento das grandes cidades, bossa nova, TBC, Vera Cruz. Enfim, momento de modernização do país. Nas artes plásticas, a agitação era enorme. Em 1951 era criada a Bienal de São Paulo, iniciando uma nova fase cosmopolita e de *aggiornamento* da arte brasileira. À segunda Bienal (1953-1954), o crítico Mário Pedrosa, curador da parte internacional, trouxe o *Guernica* de Picasso e o neoplasticismo de Mondrian. Foi a maior mostra antológica da arte moderna já realizada no Brasil. A recuperação da Bienal foi imediata na renovação da arte brasileira, de que são exemplos a formação dos grupos Ruptura (São Paulo, 1952) e Frente (Rio de Janeiro, 1954). Os integrantes desses dois grupos iriam constituir, pouco depois, os núcleos do Concretismo (1956) e do Neoconcretismo (1959).

Já tínhamos, desde 1951, um Salão Nacional, no Rio de Janeiro, dedicado exclusivamente à arte moderna e o Museu de Arte Moderna estava sendo implantado. Três acontecimentos significativos marcam o ano de 1953 no Rio de Janeiro. 1. A 1ª Exposição Nacional de Arte Abstrata, realizada no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, que teve entre seus organizadores, Ivan Serpa e que premiou dois artistas da vertente geométrica, Lygia Clarck e Décio Vieira. 2. A mostra de artistas concretos argentinos, no Museu de Arte Moderna, que trouxe ao Rio de Janeiro a figura intelectualmente brilhante de Tomáz Maldonado, líder do grupo Concreto-Invenção de Buenos Aires. 3. A presença igualmente polêmica de Max Bill, que, em entrevistas, criticou a arquitetura brasileira e particularmente o novo edifício do Ministério da Educação e Cultura, cujo risco original é de Le Corbusier, provocando imediata resposta do sempre comedido Lúcio Costa. Os anos 50 foram marcados também pela polêmica entre concretos e neoconcretos e entre estes e os tachistas, que inundavam, com suas obras, salões e bienais. A este respeito, recorda-se também a agressiva reação da crítica brasileira (Pedrosa, Gullar, e Clarival do Prado Valladares) à performance de Mathieu, no MAM carioca, em 1959. Nesse mesmo ano era inaugurado o ateliê de gravura do MAM, que tinha à frente a figura antipática de Johnny Friedlaender, ateliê que privilegiando a gravura em metal, deu início ao *boom* de prêmios internacionais aos gravadores brasileiros.

Um ano antes da PG ser fundada, Jayme Maurício inaugurara o seu *Itinerário de Artes Plásticas*, no Correio da Manhã, que ele sustentou com enorme garra e uma ironia sempre ferina. Seu mérito principal foi transformar acontecimentos de artes plásticas em fatos jornalísticos. Um lustro depois, era a vez de Mário Pedrosa iniciar sua coluna no Jornal do Brasil, trazendo para o campo das artes uma reflexão atualizadora, calcada num sólido conhecimento da história da arte moderna que, nele, se casava muito bem com sua visão política. Em seus comentários, lúcidos e pertinentes, afastava das artes plásticas qualquer ranço literário. Pedrosa, como também Gullar, passava então a falar de espaço, tempo, estrutura, forma, cor, ritmo etc., mudando, assim, radicalmente o texto crítico, até então dominado por poetas e literários.

Enfim, a década situada entre a criação da Bienal de São Paulo e a inauguração de Brasília, em abril de 1960, que é a década inicial da Petite Galerie, foi um dos períodos mais férteis da história da arte brasileira neste século. Museus e salões de arte moderna, Bienal de São Paulo, novas galerias (Dezon, em 1954, Vila Rica, em 1956, Barcinski, em 1957, Bonino, em 1960, e Relevo, em 1961), novos críticos, tudo isto convergia para uma redefinição da linguagem da pintura, do desenho, da gravura e da escultura, promovendo-se, em caráter irreversível, a plena autonomia dos meios plásticos.

4

Mas a Petite Galerie não se limitou a acompanhar este processo de renovação da arte plástica brasileira, ela foi parte ativa do processo.

Inaugurada com uma exposição de Pancetti, expôs nos dois anos seguintes, entre outros artistas, Milton Dacosta, Maria Leontina e Volpi, todos excelentes artistas. Ao expor, em abril de 1955, a pintura já desgastada de Manoel Santiago, ameaçava incorrer num retrocesso, o que felizmente não ocorreu. Nesse mesmo ano, em setembro, num gesto ousado, trazia ao Rio o desenho pouquíssimo convencional de Arnaldo Pedroso d'Horta, com a chancela de Mário Pedrosa.

O ano de 1956 assinala as primeiras exposições de artistas a caminho da abstração, como Ione Saldanha e Krajcberg, ou já decididamente abstratos, como Firmino Saldanha. Foi também o ano das primeiras exposições de estrangeiros então vivendo no Rio, como a romena Myra Landau, hoje morando em Vera Cruz, no México, o francês Roger Van Rogger e o colombiano Omar Rayo.

Sempre em dia com o que estava acontecendo no país, abriu a temporada de 1957 com mostra de Lothar Charoux, que foi, ao longo de uma carreira exemplar, um artista absolutamente coerente consigo mesmo e com os princípios óticos do Concretismo. Em setembro, expunha a abstração informal de Wega Nery e trazia ao Brasil o tachismo de Alberto Greco, figura emblemática da arte argentina, que se suicidaria em 1965, com apenas 34 anos. Unindo estas duas mostras, promoveu o que talvez tenha sido o primeiro debate público, no Rio, sobre o tachismo.

5

Não é o caso de seguir relacionando uma a uma, ano a ano, as exposições. Podemos, no entanto, agrupar algumas delas em torno de certos tópicos, para melhor avaliar a contribuição da PG ao desenvolvimento das artes plásticas no Rio de Janeiro.

a. A Petite Galerie promoveu as primeiras exposições, no Rio, de artistas de outros estados: Volpi e Pedroso d'Horta, em 1955; Charoux e Wega Nery, em 1957; Willys de Castro/Barsotti, em 1962; Wesley Duke Lee, em 1964; Mira Schendel, em 1965; Samico e Avatar Moraes, em 1966; José Resende/Bavarelli/Fajardo, Fajardo e Frederico Nasser, em 1969; José Roberto Aguillar, em 1969.

Dois anos antes de sua mostra na PG, Volpi dividira com Di Cavalcanti, o prêmio de melhor pintor nacional na Bienal de São Paulo. Sabe-se que este prêmio só lhe foi concedido por pressão do presidente do júri internacional, Herbert Read, que se encantara com a originalidade e frescor de sua pintura. Os jurados brasileiros queriam premiar Di Cavalcanti. Esta decisão da Bienal foi um divisor de águas no desenvolvimento da obra de ambos artistas, ascendente no caso de Volpi, descendente no caso de Di Cavalcanti.

Wesley Duke Lee fez sua *rentrée* no mercado carioca alguns meses antes de fundar, em São Paulo, juntamente com Pedro Manoel Gismondi, Maria Cecília, o fotógrafo Otto Stupakoff e o escritor Carlos Santana, o Realismo Mágico. Com seu dandismo intelectual, Wesley Duke Lee tornou-se o líder inconteste da chamada 'escola paulista'. A mostra da PG reuniu pinturas da série *Ligas Encarnadas*, que haviam provocado um grande escândalo quando de sua apresentação no João Sebastiano Bach, um bar da moda em São Paulo, já que foram consideradas muito eróticas. Durante o evento, que muitos apontam como o primeiro *happening* brasileiro, houve até intervenção da polícia.

Apesar de residirem em São Paulo, Willys e Barsotti fizeram parte da dissidência carioca do movimento concreto — o Neoconcretismo. Em sua mostra na PG, Willys expôs vários *Objetos-ativos*, sua mais significativa invenção no âmbito do Neoconcretismo.

Samico, o extraordinário gravador pernambucano, realizou na PG sua segunda mostra individual, a primeira fora de sua terra natal, Pernambuco. Apesar de tímido e sempre recolhido no seu canto. Samico já recebera diversos prêmios internacionais e no Salão Nacional de 1962 fora contemplado com o prêmio de viagem ao país.

A mostra do grupo que iria fundar, em 1970, a Escola Brasil, pela qual passaram várias gerações de artistas brasileiros, foi outra percepção de Terranova do que estava acontecendo de importante ou iria acontecer no país. A mostra que realizou prepara a consagração do grupo, que viria acontecer com a antológica apresentação no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no ano seguinte.

b. A Petite Galerie promoveu também as primeiras individuais de alguns artistas notáveis atuantes no Rio. Já em 1956 expunha pinturas de Krajcberg da série *Samambaias*, memória de sua demorada permanência na floresta de eucaliptos da Industria Klabin, no Paraná. Em 1964, realiza a primeira individual de outro artista admirável, o escultor, pintor e desenhista José Pedrosa, hoje vivendo um injusto ostracismo. E deu início, em 1966, à revisão da obra de Ismael Nery, reunindo um número considerável de desenhos, aquarelas e pinturas, apresentadas por Antônio Bento, autor do primeiro livro sobre o artista. Dez anos depois, uma tela de Ismael Nery alcançaria a maior cotação do mercado brasileiro em leilão realizado em São Paulo. Realizou a única mostra de Reynaldo Jardim, que circularia a seguir por outras capitais. Jornalista, poeta, crítico de arte e agitador cultural, Reynaldo revolucionou os suplementos culturais de vários jornais brasileiros. Suas esculturas eram síntese de formas animais, especialmente do tatu.

Rubem Valentim, que se transferira para o Rio de Janeiro em 1957, vindo da Bahia, fez a estreia no mercado carioca em 1961, na PG, com obras que, tendo como referencial a iconografia do candomblé, tangenciavam com uma linguagem de Mario Carneiro, *doublé* de gravador formado em Paris e cineasta.

c. Antecipando-se às novas tendências, Terranova foi igualmente o responsável pelo lançamento de muitos artistas jovens, os delfins, como os chamava Jayme Maurício. Um deles, Gastão Manoel Henrique, do desenho e fino escultor, era ainda um terceiroanista da Escola Nacional de Belas Artes em 1962, mas se pode afirmar que seu lançamento no mercado de arte ocorreu, de fato, na galeria de Terranova. Magalhães era ainda apenas gravador, mas suas xilos, como pouco depois seus desenhos de índole esotérica, iriam influenciar fortemente toda uma geração de novos artistas. Outros lançamentos da PG: Sérgio Campos Melo, hoje morando em Paris, Hidelbrando de Castro, Cristina Salgado, Alexandre Dacosta, Jac Leirner e Frida Baranek.

d. Antes que a gravura brasileira vivesse seu auge, a Petite Galerie já havia exposto a obra de um pioneiro, Lívio Abramo, e as gravuras que Edith Behring realizara em Paris, em seu estágio no ateliê de Friedlaender. E nunca mais deixou de dar atenção à gravura, expondo sucessivamente Anna Letycia, Rossini Perez, Renina Katz, Marcelo Grassmann, Marília Rodrigues, Aloísio Magalhães, Newton Cavalcanti, Maria Bonomi, Roberto Delamônica e Manuel Messias.

e. Terranova teve também a coragem de abrir espaço em sua programação, para a arte popular brasileira. Começou expondo, em 1956, esculturas de Agnaldo Santos, que até então trabalhava como auxiliar de Mário Cravo Jr., no ateliê deste em Rio Vermelho, Salvador. Aliás, foi com esse escultor que Terranova realizou uma jornada histórica pelas cidades ribeirinhas ao São Francisco, durante longos meses, à caça de carrancas, pois queria expor em sua galeria. Vieram a seguir mostras de ex-votos esculpidos e pintados, recolhidos anos a fio em sucessivas viagens pelo sertão nordestino. Sua coleção de ex-votos pintados, mais tarde exposta na Galeria Naviglio, de Milão, foi tombada e adquirida pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e a de ex-votos esculpidos circulava, até recentemente, pelos Estados Unidos. E ainda sobrou espaço para os gravadores de cordel, inclusive o mais brilhante deles, J.Borges.

f. A programação desenvolvida pela Petite Galerie, em mais de três décadas, nunca teve um caráter fechado ou dogmático. Ela acompanhou a diversidade da arte brasileira.

Começou expondo artistas oriundos dos chamados grupos operários (Núcleo Bernardelli, Grupo Santa Helena) e outros que começaram a aparecer nos anos 30/40 e que, no início dos anos 50, ainda eram, alguns deles, os melhores da arte brasileira: Pancetti, Dacosta, Bonadei, Volpi, Maria Leontina, Ione Saldanha. Prosseguiu expondo abstratos — informais e geométricos — como Arcangelo Ianelli, Iberê Camargo, Flávio Shiró e Tomie Ohtake; bem como concretos, neoconcretos e cinéticos: Abraham Palatnik, Sérgio Camargo, Aloísio Carvão, Dionísio Del Santo. Avançou pela Pop Art e a Nova Figuração (Wesley, Magalhães, Wanda Pimentel, Siron Franco, Tomoshigue Kusuno, Maria do Carmo Secco; pela arte conceitual, que no Brasil sempre teve uma dimensão política, como se pode ver na obra de Antonio Manuel e Cildo Meireles, e também poética, como em Luiz Alphonsus. E, antes de 'encerrar' suas atividades, já havia exposto diversos pintores e escultores da Geração 80, como Luiz Pizarro e Hidelbrando de Castro.

Cabe aqui lembrar que em pelo menos duas exposições significativas, a Petite integrou-se à movimentação a favor de um retorno à pintura nos anos 80. Refiro-me às mostras *Viva a Pintura*, em 1984, com obras de Luiz Áquila, Claudio Kupermann, Charles Watson, Jorge Guinle, Iwald Granato, Gerchman e Iberê Camargo, e *Encontros*, em 1985, comemorativa do primeiro aniversário da morte de Maria Leontina, artista sensibilíssima e, no meu entender, uma das fundadoras, ao lado de Ione Saldanha, da geometria sensível em nosso país.

6

A Petite Galerie não se comportou como Carolina, deixando as coisas acontecerem para depois agir. Em várias oportunidades, ela esteve à frente dos acontecimentos ou no centro de algumas polêmicas que marcaram a arte brasileira, e por isso, foi criticada e elogiada, despertou ódios e paixões. Mas cumpriu seu papel

Homem culto e sensível, Terranova teve a coragem de, nos anos 60, aproximar-se de banqueiros e homens de negócios, para revolucionar o mercado de arte. Foi o primeiro a manter artistas sob contrato, o primeiro a vender obras de arte a prazos, em 10, 20 ou 30 prestações, como no comércio de roupas ou eletrodomésticos, oriundos da classe média. Neste sentido, devem ser computadas suas iniciativas visando promover um mercado para gravuras e múltiplos. Já em 1955, criava o Clube de Amigos da Petite Galerie, reunindo 100 sócios (o Tajiri, reuniões mensais durante as quais eram sorteadas obras de arte). E atuando na outra ponta, concedeu quatro prêmios em dinheiro a artista jovens que participaram da Bienal de São Paulo de 1961.

O primeiro leilão de arte realizado pela PG, em agosto de 1964, no Copacabana Palace, foi um acontecimento memorável. Em texto delicioso para o catálogo do leilão, Otto Lara Resende dizia, entre outras coisas: "Pode-se cometer loucuras a prestação. O comprador tem três minutos para arrematar, mas tem dez meses para pagar. E tem o resto da vida para ser feliz, pois um quadro is *a joy forever*." Foram leiloadas 60 obras de entre outros artistas, Segall, Portinari, Volpi, Dacosta, Krajcberg, Djanira, Di Cavalcanti. Duas mil pessoas compareceram. Parte da crítica, claro, malhou o leilão, anunciando o apocalipse: "Se a moda pega, e naturalmente vai pegar [escreveu Harry Laus no Jornal do Brasil] aí de nós. As galerias vão começar a fazer remarcações, os artistas vão tomar como base os preços alcançados e a obra de arte vai fugir do alcance dos menos ricos". Jayme Maurício, sempre ferino, dizia em seu Itinerário, que o sucesso se deveu "ao gênio comercial de José Carvalho, apoiado na visão estético-bancária de José Magalhães Lins".

A partir daí, os leilões eram anunciados em páginas inteiras dos jornais. Num desses anúncios, de 1973, dizia-se, em tom provocativo: "Em 1960, a Petite Galerie agressiva e ostensivamente anunciava a ideia que viria revolucionar o mercado de arte no Brasil e mais ainda, por em xeque toda a relação da obra de arte como objeto exclusivo de uma elite quando muito pseudo-intelectualizada". E concluía: "Nenhuma obra de arte ficará diminuída se você pegá-la aos poucos. E ela ainda enriquecerá sua sensibilidade e seu patrimônio".

Vieram à seguir os salões e os concursos. O primeiro, realizado em 1961, esteve restrito aos artistas vinculados à galeria. Um júri integrado por Ferreira Gular, Antonio Bento, Pedro Manoel Gismondi dividiu o prêmio entre Milton Dacosta e Rubem Valentim.

O Salão de Abril, em 1966, destinava-se apenas a artistas jovens. Concorreram 317 artistas. Roberto Magalhães recebeu o prêmio que levava o nome da galeria e os demais foram dados a Kazuo Wakabayashi, Maciej Babinski, Newton Cavalcanti, José Lima, Caciporé Torres, Avatar Moraes, Marília Rodrigues e Antonio Dias.

No ano seguinte, a PG promove o 'Salão das Caixas', isto é, obras no formato caixas (*boxform*), que provocou intensa polêmica. Um júri integrado por José Geraldo Vieira, Pietro Maria Bardi, Abraham Palatnik e Jayme Maurício, organizador do salão, dividiu o prêmio principal entre Regina Vater, Maria do Carmo Secco, Dileny Campos, Maria Helena Chartuni, Avatar Moraes e Hisao Ohara.

A polêmica em torno do salão agrupou os artistas de vanguarda, que depois de muita discussão, organizaram uma exposição, inaugurada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro dias antes da mostra das caixas. Nova Objetividade Brasileira — este o nome da exposição — foi o primeiro balanço, quase um inventário, das diferentes correntes da vanguarda no Brasil, depois do golpe de 1964. Participei intensamente dos debates, diretamente com os artistas em reuniões no museu, e através de minha coluna no Diário de Notícias, onde denunciava o condicionamento bitolador do mercado de arte, situação que defini como 'caixificação da vanguarda', isto é, a redução do conceito de Objeto, via caixa, a um nível digestivo.

Nova Objetividade Brasileira, que reuniu basicamente artistas cariocas e paulistas, foi um tremendo sucesso.
Além das obras expostas, propiciou a redação de dois textos importantes para a história da arte brasileira: um manifesto de oito pontos firmado por todos artistas, que eu ajudei a redigir, e o texto de Hélio Oiticica estampado no catálogo da mostra.

Como se vê, mesmo quando criticado por suas iniciativas, ou por isso mesmo, a Petite Galerie contribuiu afirmativamente para o debate sobre as artes plásticas no Brasil e, assim, fazendo história.

Cinco anos depois, a Petite Galerie iria estar envolvida em nova polêmica, ao promover outro concurso, agora de múltiplos, coordenado, mais uma vez, por Jayme Maurício. Antes, em dezembro de 1971, inaugurara uma exposição de múltiplos, organizada por Roberto Pontual, reunindo trabalhos de, entre outros artistas brasileiros, Ascânio MMM, Ione Saldanha, Mary Vieira, Omar Dillon, Paulo Roberto Leal, Raymundo Collares, Gerchman, Vergara, Rubem Valentim e Toyota. E entre os estrangeiros, cujas obras já faziam parte do acervo da galeria, estavam Tomasello, Nicolas Schoeffer, Max Bill, Cruz-Diez, Le Parc, Vasarely, Segal, Rauschemberg, Arman, Ed Bruscha, Enrico Baj e d'Arcângelo. Foi, afora alguns equívocos da representação brasileira, uma bela exposição.

O concurso, no entanto, fracassou. Um júri formado por Sérgio Bernardes, Wesley Duke Lee, Ricardo Degenszejn, Alfredo Bonino, Josê Roberto Teixeira Leite e Jayme Maurício decidiu por unanimidade não conceder os prêmios regulamentares, sugerindo a reabertura de inscrições para um novo concurso que não se realizou. A decisão do júri provocou protestos de artistas e os projetos foram afinal expostos.

Também em relação a esta iniciativa, eu estive contra. Bati duro, especialmente contra o que chamava, então, de 'estética acrílica'. Na época, questionava o aspecto revolucionário do múltiplo, tal como defendido por Pierre Restany e Abraham Moles, que, como Pierre Gaudibert e, entre nós, Jayme Maurício, viam no múltiplo apenas reformismo e não uma revolução estética. Claro, para mim, naquele momento, o modelo de uma revolução estética, cujas bases seriam não a pose da obra de arte, mas a busca de uma criatividade generalizada, eram os *Domingos da Criação*, que organizei em 1971, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

E a verdade é que o Brasil não oferecia, naquele momento, condições objetivas para o desenvolvimento da ideia de arte multiplicada. O público consumidor de arte era, e ainda é, incipiente, desistimulando investimentos econômicos e tecnológicos na produção de grandes tiragens de objetos de arte.

Apesar disso, penso que alguma coisa interessante ficou em matéria de múltiplos (não importa se em séries pequeníssimas e de elaboração quase artesanal).

7

Não sou, nunca fui, contra o mercado de arte, em si. Não o vejo como um opus diabolicus pronto a destruir a pureza e a integridade do artista e a trair a confiança do público com caricaturas de verdadeiras obras de arte. As galerias são necessárias à vida cultural do país. Na verdade, a arte brasileira não atingiria o nível que alcançou, inclusive no plano internacional, sem a participação de galeristas e galerias. Contudo, como crítico de arte, minha análise sempre esteve aos aspectos internos da obra de arte que dizem respeito à sua essência. Os aspectos econômicos ou mercadológicos, isto é, sobrejacentes da obra de arte, nunca me atraíram. Neste sentido, é verdade, sempre fui relutante em comentar leilões, falar de preços ou cotações etc.

Claro, esta postura tinha muito a ver com meu engajamento na defesa de uma arte de vanguarda radical, fruto, também, no final dos anos 60, início dos 70, do ardor e da combatividade de jovem crítico, recém-chegado à capital cultural do país, vindo da provinciana Belo-Horizonte e que queria marcar posição, ocupar um espaço. Talvez até tenha sido injusto com Terranova. Mas não dá para passar uma borracha no passado, até porque, aquela foi uma bela época. Críticos e artistas, críticos e galeristas, críticos e críticos travaram entre si uma espécie de guerra de guerrilha. Tempos polêmicos que cada um de nós defendeu com garra e paixão seus pontos de vista. O que não ocorre nos dias atuais.

Hoje, vendo aqueles acontecimentos com distanciamento crítico e emocional, vendo as coisas pelo crivo da história, posso e devo reavaliar com isenção de tudo o que fez a Petite Galerie, inclusive no campo especificamente mercadológico. Pois a verdade é que ela inovou, e muito, nesse campo.

Por outro lado, se em alguns momentos, meu relacionamento com a PG foi tenso, nunca resvalou, entretanto, para a animosidade e a incivilidade. A elegância de espírito e o comportamento afetuoso de Terranova não deixaram que isto ocorresse. O respeito mútuo esteve acima de qualquer divergência. A amizade prevaleceu. Tanto isto é verdade, que apresentei inúmeras exposições que ela realizou e foi na PG que realizei em 1970 a primeira e única exposição do que chamei a época de *A nova crítica*. Foi minha tentativa de dar à crítica de arte uma dimensão criadora, ou, dizendo de forma mais pretensiosa, fazer do crítico também um artista. Na verdade, a primeira tentativa nesse sentido ocorreu ainda em Belo Horizonte, quando organizei, para a Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais, a mostra *Vanguarda Brasileira*, ocasião em que eu, Antonio Dias e Gerchman recriamos, com materiais locais, diversas obras de Hélio Oiticica, então morando em Nova York. A segunda foi o audiovisual que realizei sobre a mostra de José Resende e seus colegas no MAM carioca confrontando seus trabalhos com imagens de materiais de construção e canteiros de obras.

Na Petite Galerie, entretanto, eu pude realizar uma exposição inteiramente minha, uma crítica não-textual de uma sequência encadeada de três mostras — Theresa Simões, Cildo Meireles e Guilherme Vaz —, que recebera o título de *Agnus Dei*. A mostra-crítica de arte, prevista para durar apenas uma noite, vale dizer, o tempo de um *vernissage*, acabou tendo seu encerramento antecipado devido à ameaça de invasão da polícia.

Muito mais poderia ser dito sobre a Petite Galerie, mas temo estar chateando o leitor com tantos detalhes. O balanço final é, de qualquer maneira, extraordinariamente positivo e sobretudo vitalista. Porque até nos momentos de crise, que não eram só econômicas, mas também subjetivas, Terranova soube agir com inteligência e criatividade. Ele nunca se acomodou, e sempre conseguiu dar a volta por cima. As várias 'mortes' da PG foram, na verdade, exemplos de vitalidade e de paixão pela arte. Exemplos de morte-vida. Como disse algum sábio oriental, vivo é aquele que morre a cada instante, aquele que está sempre pronto a romper com a mesmice e a rotina.

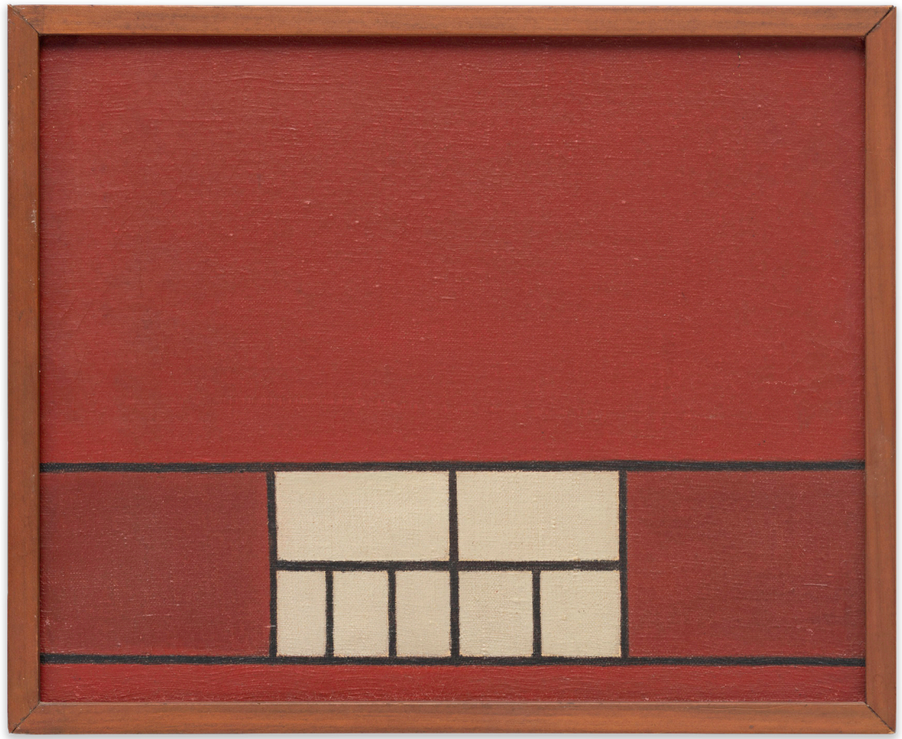
De certa maneira, a PG ilustra, com sua história, o mito de Sísifo, que, na interpretação de Camus, é um mito da esperança e da renovação. Pois a cada vez que a pedra rola ribanceira abaixo, Sísifo-Terranova reavalia sua vida e suas realizações, projetando novas estratégias de ação. E nada me impede de concluir que a Petite Galerie, de fato, não morreu e que Terranova apenas aguarda o momento mais adequado para reavivar o fogo que ainda o queima por dentro, como um Prometeu.

Maria Leontina

Episódios, 1958
Óleo sobre tela
60 × 37 cm

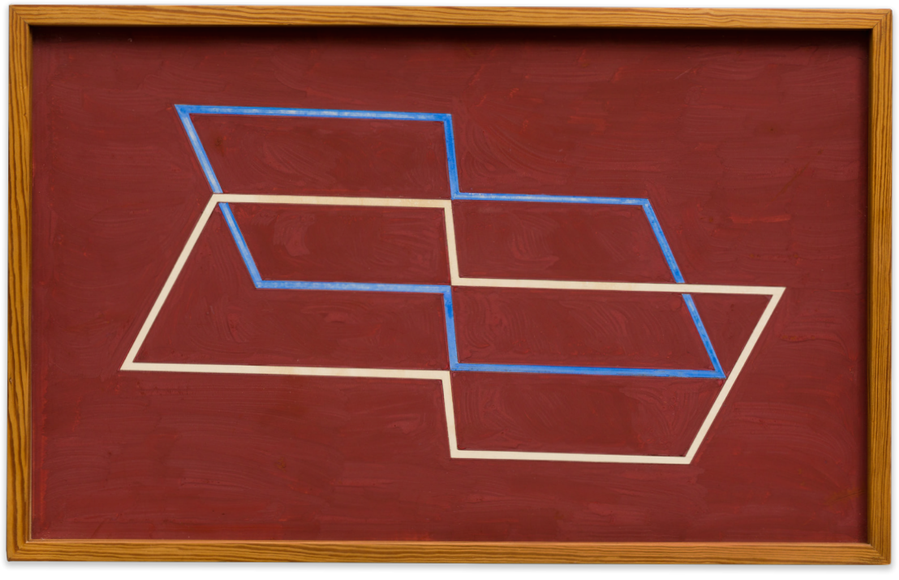
Milton Dacosta

Em vermelho, 1958
Óleo sobre tela
22 × 27 cm



Alfredo Volpi

Sem Título, *c.* 1950
Têmpera sobre papel
32 × 51 cm



Sergio Camargo

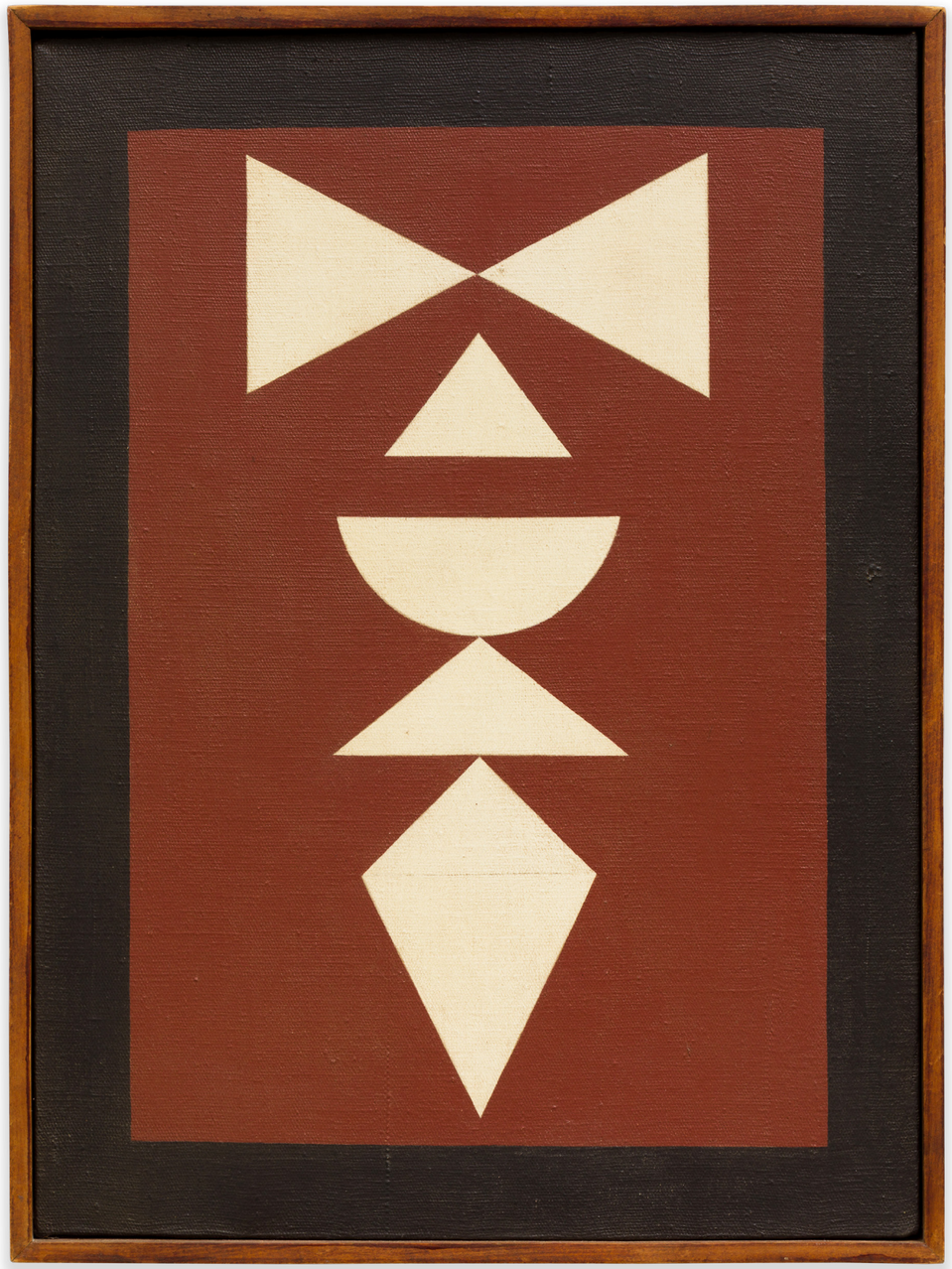
Sem Título, 1972
Acrílica sobre madeira
30 × 30 cm

Sergio Camargo

Sem Título (#441-B), 1973
Acrílica sobre madeira
33,5 × 20 × 16 cm

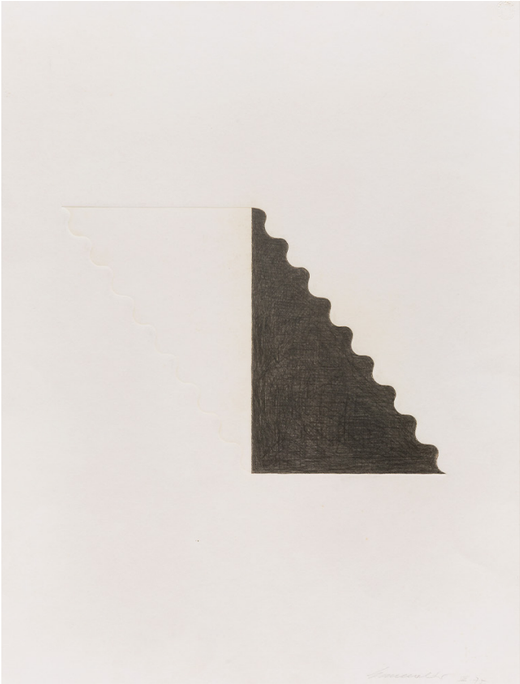
Hércules Barsotti

Jogo Cromático I, 1972
Acrílica-vinílica
sobre tela
49,6 × 49,5 cm



Rubem Valentim

Composição, 1961
Acrílica sobre tela
40 × 30 cm



Sérvulo Esmeraldo

VII,1975
Relevo e grafite
65 × 70 cm

Sérvulo Esmeraldo

Sem Título, 1975
Relevo e nanquim
64 × 50 cm

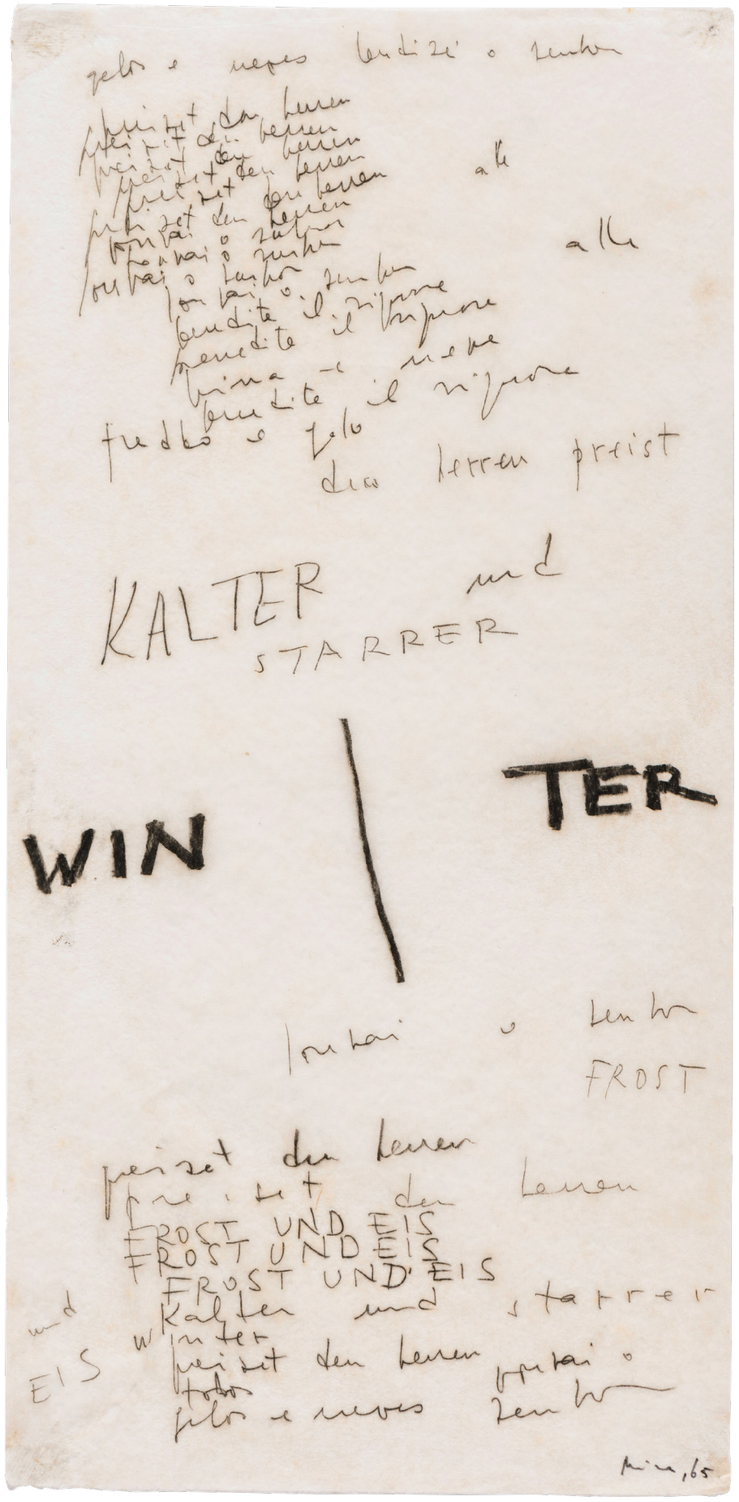
Sérvulo Esmeraldo

Excitável, *c.* 1967
Montagem de caixa
de placa eletrostática
em madeira pintada,
acrílico e fio de lã preta
47,6 × 47,6 × 6 cm

Raymundo Collares

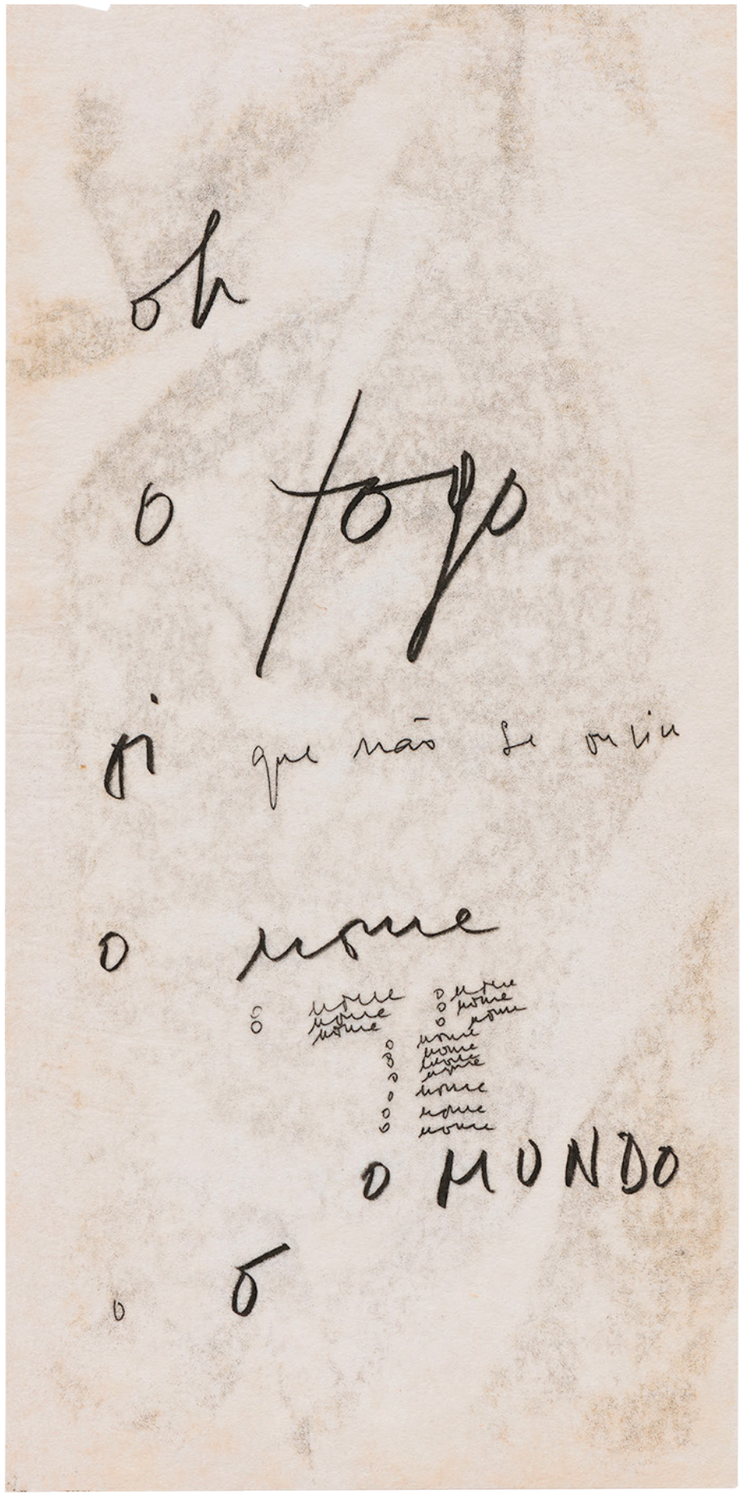
Gibi, 1971
Papel recortado
65 × 65 cm

Mira Schendel



Win/ter, 1965
Óleo sobre papel arroz
47 × 23 cm

Mira Schendel



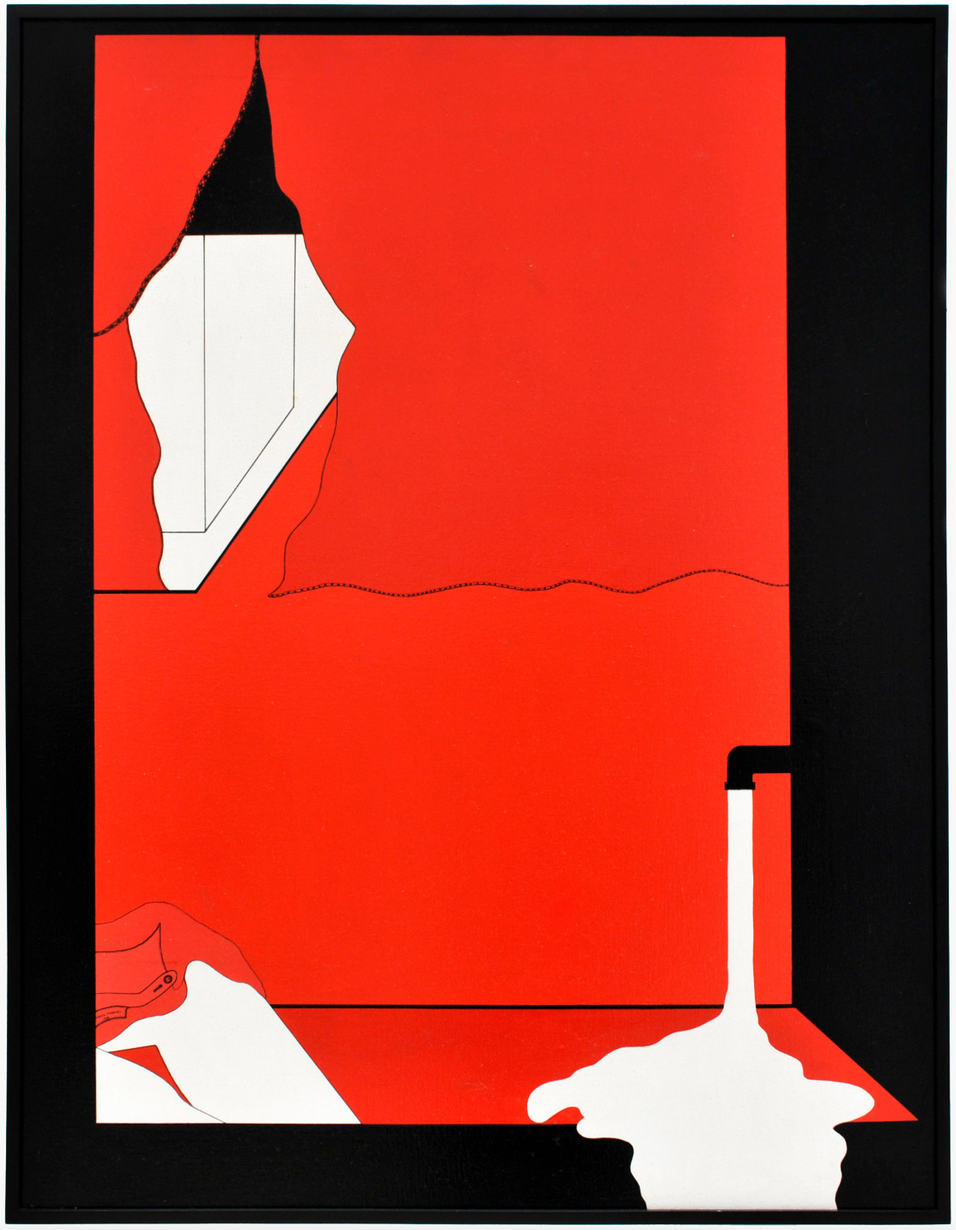
Sem Título, 1965
Óleo sobre papel arroz
47 × 23 cm

Wanda Pimentel

Sem Título, 1983
Acrílica sobre tela
50 × 70 cm

Wanda Pimentel

Sem Título, c. 1970
Super 8
9'46''



Wanda Pimentel

Sem Título, da série
Envolvimento, 1968
Acrílica sobre tela
116 × 89 cm

Rubens Gerchman

Sem Título, 1966
Acrílica sobre papel
50 × 50 cm

Carlos Zilio

Lute, 1967
Serigrafia sobre
filme plástico
e resina plástica
acondicionados em
marmita de alumínio
18 × 10,5 × 6 cm

Regina Vater

Sem Título, da série
Tropicália, 1968
Serigrafia
31,2 × 38,7 cm

Regina Vater

Sem Título, da série
Tropicália, 1968
28,5 × 38 cm
Serigrafia

Regina Vater

Sem Título, 1968
Acrílica sobre papel
38 × 29 cm

Glauco Rodrigues

Moça, 1967
Vinil e colagem
68 × 45 cm

Pietrina Checcacci

Sob o signo de Câncer, da série *O Povo Brasileiro*, 1967/1968
Acrílica sobre cânhamo
129 × 91 cm

Avatar Moraes

Caixa nº 1, 1966
Assemblage
75,5 × 19 × 10,5 cm

Avatar Moraes

O algures absoluto, 1967
Pintura assemblage
61 × 92 cm

Roberto Magalhães

Auto-retrato falando,
1964
Xilogravura
28 × 35 cm

Carlos Vergara

Sem Título, 1976
Nanquim , guache
e purpurina sobre
papel
50 × 69 cm

Carlos Vergara

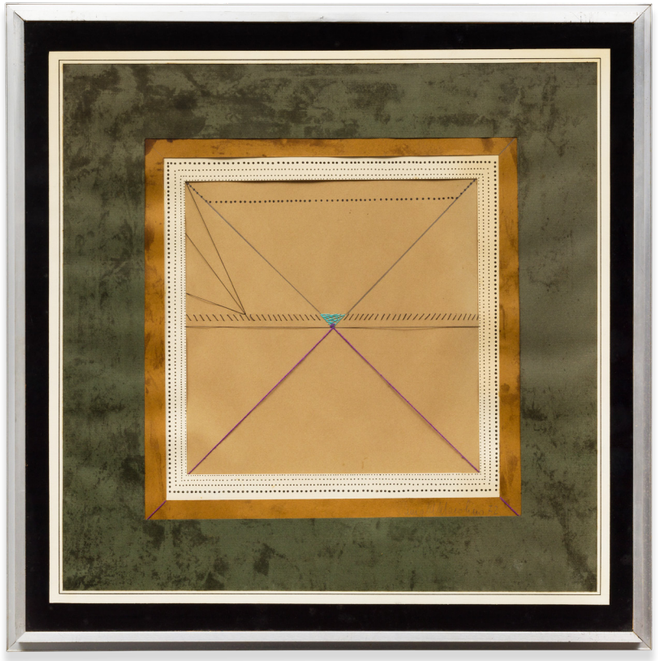
Um dia eles
acordarão, 1966
Serigrafia
100 × 70 cm

Wilma Martins

Sem Título, da série
Cotidiano, 1976
Litografia
70 × 50 cm

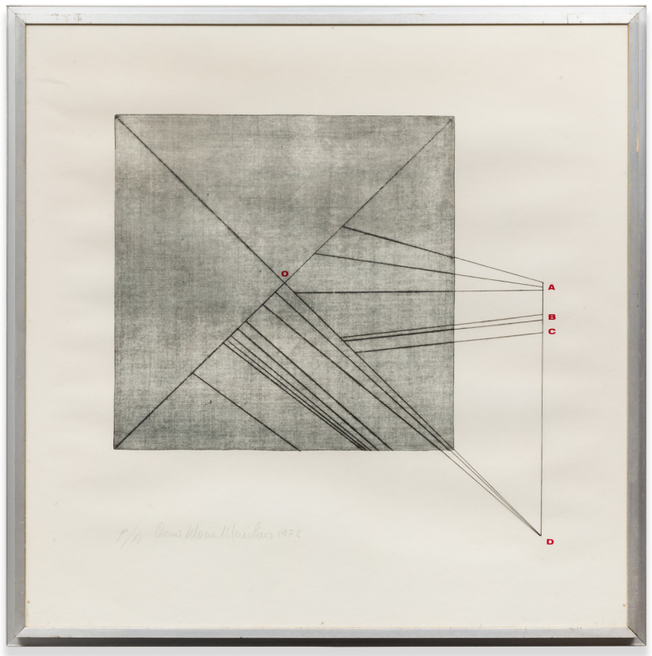
Wilma Martins

Sem Título da série
Cotidiano, 1974
Acrílica sobre tela
100 × 70 cm



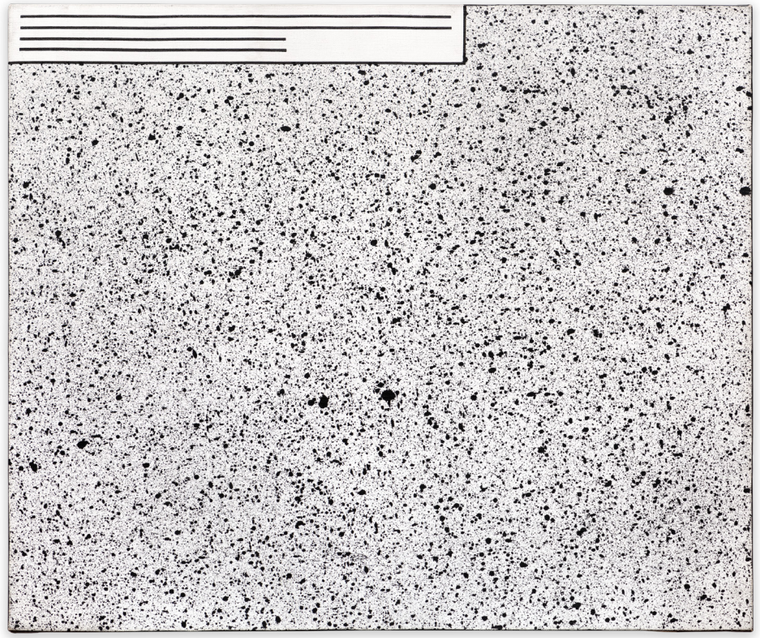
Anna Maria Maiolino

Sem Título, 1972
Recorte, nanquim e
costura sobre papel
53 × 53 cm



Anna Maria Maiolino

Sem Título, 1972
Serigrafia
53 × 53 cm

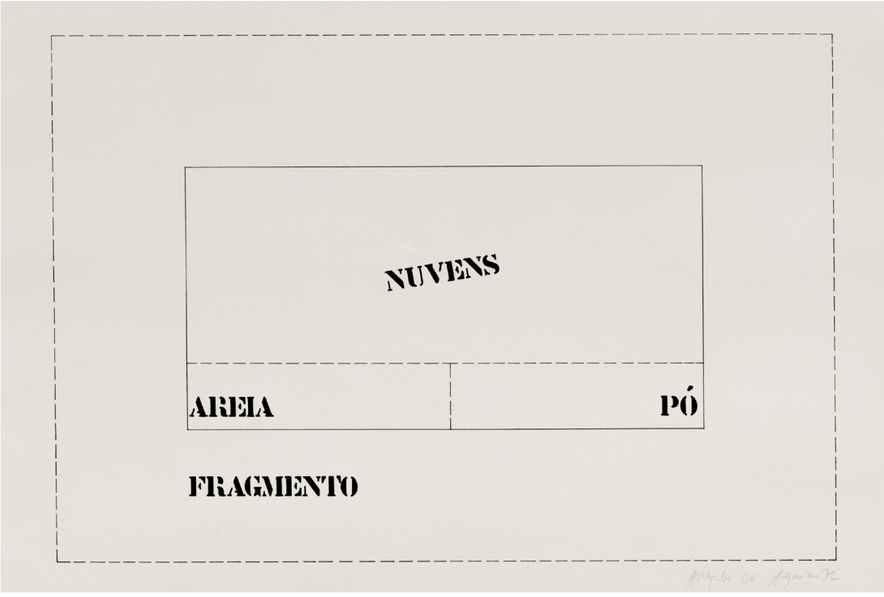


Antonio Dias

Sem Título, 1973
Acrílica sobre tela
55,5 × 65,5 cm

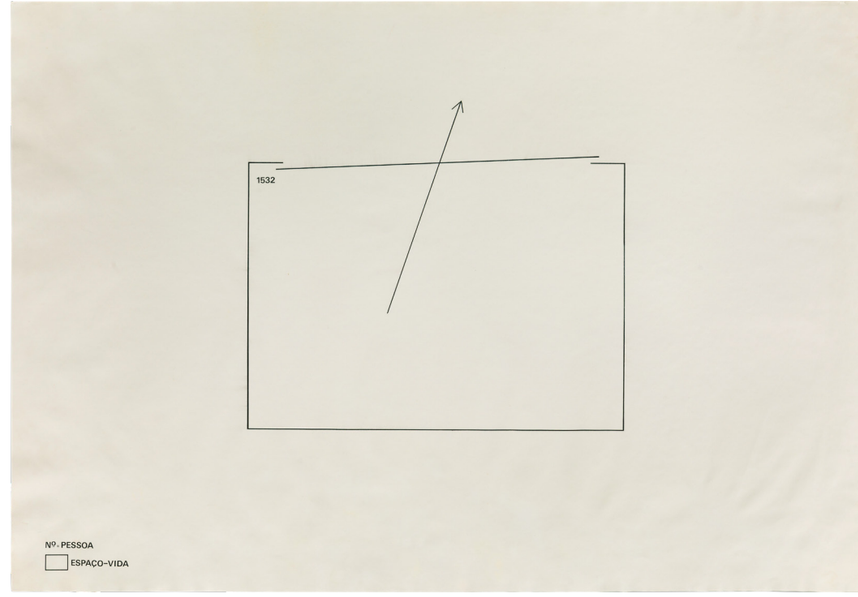
Jac Leirner

Quadro, da série
os Cem, 1987
Papel moeda
e entretela
60 × 60 cm



Angelo de Aquino

Fragmento (Nuvens — Areia — Pó),
da série *Documentos dos Trópicos N.4*, 1972
Nanquim sobre papel
49,8 × 69,2 cm

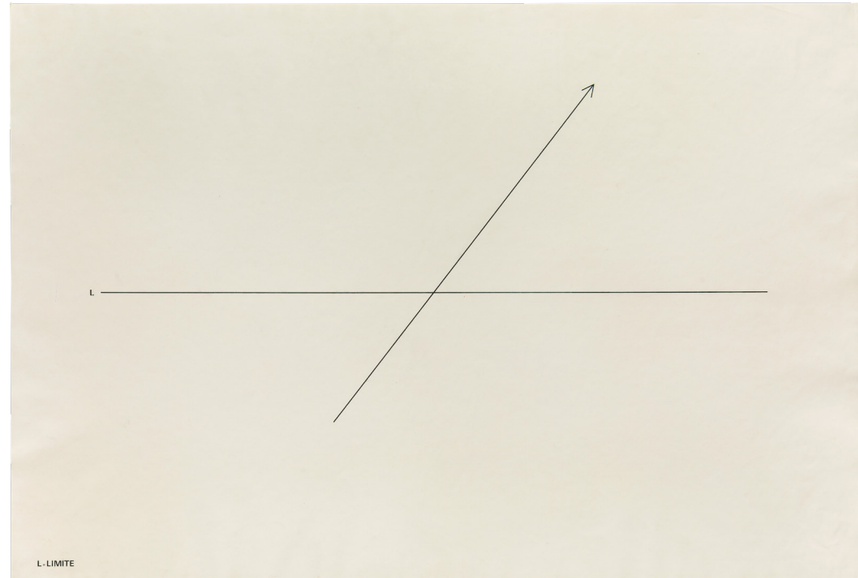


Carlos Zilio

Sem Título, 1974
Nanquim e letraset
sobre papel
50 × 73 cm

Angelo de Aquino

Planaltos e Planícies do Brasil — Miragem,
1972
Nanquim sobre papel
49,9 × 69,3 cm



Carlos Zilio

Sem Título, 1974
Nanquim e letraset
sobre papel
50 × 73 cm

Antonio Manuel

Isso é que é, 1976
Flan de jornal
57 × 39 cm

Cildo Meireles

Inserções em circuitos ideológicos, 1970
Impressão em transfer sobre 3 garrafas de vidro da Coca-Cola
25 × 5,7 × 5,7 cada

Carlos Vergara

Sem Título, 1972
Acrílico com arroz e feijão
65 × 75 cm

Antonio Manuel

Chupava Sangue Dando Gargalhadas, da série *Clandestinas*, 1973
Jornal
56 × 38 × 4,5 cm

Fundador: CHAGAS FREITAS — Diretor: OTHON PAULINO

O DIA — O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO PAÍS — GB e RJ 50 CENTAVOS

Redação e Administração: Rua Riachuelo, 359. Tel.: 222-7751 — Telex 386

ANO XXIII — Rio de Janeiro, quinta-feira, 7 de junho de 1973 — Nº 7.705

PRESO POLICIAL ACUSADO DE MATAR A PROFESSORA

Duas testemunhas o reconheceram no fichário da SPJ — Postas em frente do suspeito, afirmaram, categoricamente, que era ele o matador — É APJ e servia na 10ª Delegacia Policial — Ia saindo para uma ronda, armado de metralhadora, quando chegou a turma da DH para prendê-lo — Ao retornar da missão, apresentou-se e entregou as armas — Tem grande semelhança fisionômica com o Comissário Jairo, que vinha sendo acusado pelo crime (PAGINA 7)

CHUPAVA SANGUE DANDO GARGALHADAS

Mulher tranqüila e sem vícios — Foi passar o fim de semana fora — Voltou Vampira — Permaneceu várias horas gargalhando e quebrando sepulturas — Pela manhã acharam o coveiro mordido — Chamaram o pinel — Também foi mordido às gargalhadas — Vampira foi vista hoje, na Cidade de Deus.

Estado constrói parque para proteção da fauna e da flora

Parque Ecológico de Jacarepaguá terá também Centro de Primatologia — Convênio entre o Estado e a UFRJ para pesquisas e estudos sobre conservação da Natureza — Reconstituição do arvoredo atlântico — Secretaria de Ciência e Tecnologia preocupada com as novas indústrias

Execução a qualquer momento

"Comando Justicialista" apoderou-se de figuras de destaque do PC argentino e ameaçou matá-las — Exigem a libertação de todas as pessoas que os terroristas do "ERP" mantêm detidos — Comandante militar é solto, depois de passar 40 dias no cativeiro — Peron de malas prontas para o regresso (P. 7)

Noivos assassinados

Nas cercanias de Chicago, foram encontrados, lado a lado, de bruços, os corpos de Dorothy Cerny e James Schmidt, ambos de 25 anos de idade e que pretendiam se casar brevemente. Os cadáveres, que apresentavam perfurações a tiros de revólver, não tinham outros sinais de violência (Radiofoto UPI)

Jairzinho vetado na revisão médica

Brasil é favorito mas campo conflítica outra vez — Televisões começam a mostrar o jogo para todo o Brasil, ao vivo, às 16 horas (hora do Rio) (Leia na pág. dezesseis).

☆

Ancião surrava amante de 15 em 15 dias

Era caixeiro-viajante e só voltava de duas em duas semanas — Jovem acellaçava, mas ontem ela exagerou e ela teve de ser medicada no hospital — (Leia na página treze).

☆

Federais apreendem contrabando de 10 milhões

Desova era feita em Cabo Frio e os agentes seguiram contrabandistas três dias e três noites — Mantidos em sigilo os nomes dos presos — Várias pessoas envolvidas — Uísque, eletrodomésticos e calças Lee, a muamba (Pág. 8).

Pistoleira morena

Queixando-se da vida infeliz, que pôs em seu caminho "amantes sem escrúpulos, patrões interesseiros e colegas que a empurravam para o submundo", Neilta Dias (foto) confessou ser a chefe de uma quadrilha de assaltantes à mão armada, na Baixada Fluminense. Negou ter matado, mas a Polícia não acredita e está investigando (Página 13)

NAZISTAS SABOTARAM AVIÃO RUSSO

Comitê de Ação para a Libertação de Rudolf Hess assumiu a responsabilidade pelo desastre com o supersônico soviético, que explodiu na França — (Leia na sétima página)

Governo pune frigoríficos que lesavam a população

Antonio Manuel

Amarrou um Bode na Dança do Mal, da série *Clandestinas*, 1975
Jornal
56 × 38 cm

Saiu tabela do Campeonato Nacional-75

Primeiro encontro a 20 de agosto — Fase preliminar terá 221 jogos e terminará dia 5 de outubro — 150 partidas na semifinal, em 4 grupos — Tudo sobre a Copa Brasil (Esportes)

QUEIMADOS VIVOS PELA MULTIDÃO

Jogador brasileiro, de volta de Luanda, conta a morte horrível de dirigente e atleta — Fome e desespero na concentração — Chorou de emoção quando recebeu passagem de retorno — Reencontro com a família (P. 13)

Olha que bicho fedorento

AMARROU UM BODE NA DANÇA DO MAL

O mal me cheireu lúdico — O mal se chegou amigo e poético. O maligno bode se transformou numa insaciável busca de amor. Maligno bode — que cheiro bom tem neste mal? O criador está incorporado desde a primeira marrada lúdica e descontraída que se deu na mata. Ser mal? — se o maligno bode é o símbolo total da carga do mal — com toda a densidade desse mal é fundamentalmente símbolo de liberdade.

Fundador: CHAGAS FREITAS — Diretor: OTHON PAULINO

O DIA — O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO PAÍS — Cr$ 1,00 Capital e Interior

Redação e Administração: Rua Riachuelo, 359. Tel.: 222-7751 — Telex 22385

ANO XXV — Rio de Janeiro, terça-feira, 24 de junho de 1975 — Nº 8.452

Nova marcha contra a ditadura em Portugal

Mais de 30 mil manifestantes percorrem as ruas de Lisboa — Passeata contou com a adesão de outros partidos — Incêndio destrói arquivo da Polícia Secreta de Salazar — Denúncia de bomba atirada viajam de Vasco Gonçalves a Moçambique (NA PAGINA DOIS)

☆

Vasco lança força máxima contra o FC Porto

Partida será amanhã em São Januário — Sem Doval e Geraldo, Flamengo enfrenta o CR Brasil — Zico e Rodrigues Neto embarcam para Macaé e voltam ao time em meio um amistoso (Esportes)

☆

Frio já matou mais de 160 pessoas no Peru

Intensa onda de frio na região andina e no planalto peruano — Congelado o lago Titicaca, situado a 4 mil metros de altitude — Baixas temperaturas provocam epidemia de gripe em grande parte do país — Em algumas regiões, termômetros cairam a 12 graus abaixo de zero (PÁG. 2)

☆

Nomeado Chefe interino do Gabinete Civil

Gilberto Pessoa exercerá o cargo durante a ausência do General Golbery do Couto e Silva — Titular já está informado no Instituto Barraquer, em Barcelona — Será submetido a aplicação de Raio Laser de argônio — (LEIA NA PAGINA OITO)

Procurando água

Bombeiros ficaram às tontas quando chegaram à fábrica de móveis, já inteiramente tomada pelo fogo, e não encontraram água por perto. Nenhum hidrante. Enquanto esperavam as pipas do quartel, fizeram uma "sangria" na tubulação, por trás da indústria, como se vê na foto, e foi assim que iniciaram o combate às chamas. Os esforços foram inúteis — tudo destruído — e um soldado ferido (LEIA NA PAGINA 14)

Amin mobiliza Uganda com medo de invasão britânica

Presidente diz que foi advertido por um General inglês de que tropas da Grã-Bretanha invadirão o país se o escritor Dennis Hills for executado — Insiste na presença do Secretário das Relações Exteriores (Leia na pág. 2)

Foi rainha do charme e da beleza

MISS NITERÓI MORRE A TIROS

Dentro do carro, no pátio da mansão — Dois disparos no peito — Queria casar outra vez — Mãe diz que vinha sendo assediada — Anunciou casa para vender — Pretendente pediu tempo para arranjar dinheiro — Visitas constantes na volta do sítio — Levou a vítima para a clínica — Exigido comparecimento da Polícia (Leia na página 14)

DEZENAS DE PRISÕES NA CENTRAL

Confessaram participação no assalto a uma composição em Austin — Atiravam na linha vítimas com pouco dinheiro — Voltavam de investida contra casais no Aterro do Flamengo (LEIA NA PAGINA CINCO)

Uruguaiana fechada ao tráfego na terça-feira

Interdição começará no primeiro minuto de julho, tendo em vista as obras do Metrô — Ilhotas da Avenida Presidente Vargas serão retiradas — Novos itinerários dos ônibus vão ser divulgados quinta-feira (Pág. 13)

Antonio Manuel

Evil, 1976
Serigrafia sobre
chapa metálica
40 × 47 cm

Lygia Pape

Sem Título, da série
Eat me: gula ou
luxúria?, 1976
Serigrafia sobre
chapa metálica
40 × 47 cm

Lygia Pape

Objeto da sedução
da série *Eat me: gula*
ou luxúria?, 1976
Saquinho de papel,
cabelo, frasco de
vidro, giz e cartão
calendário
46 × 36 cm

Anna Maria Maiolino

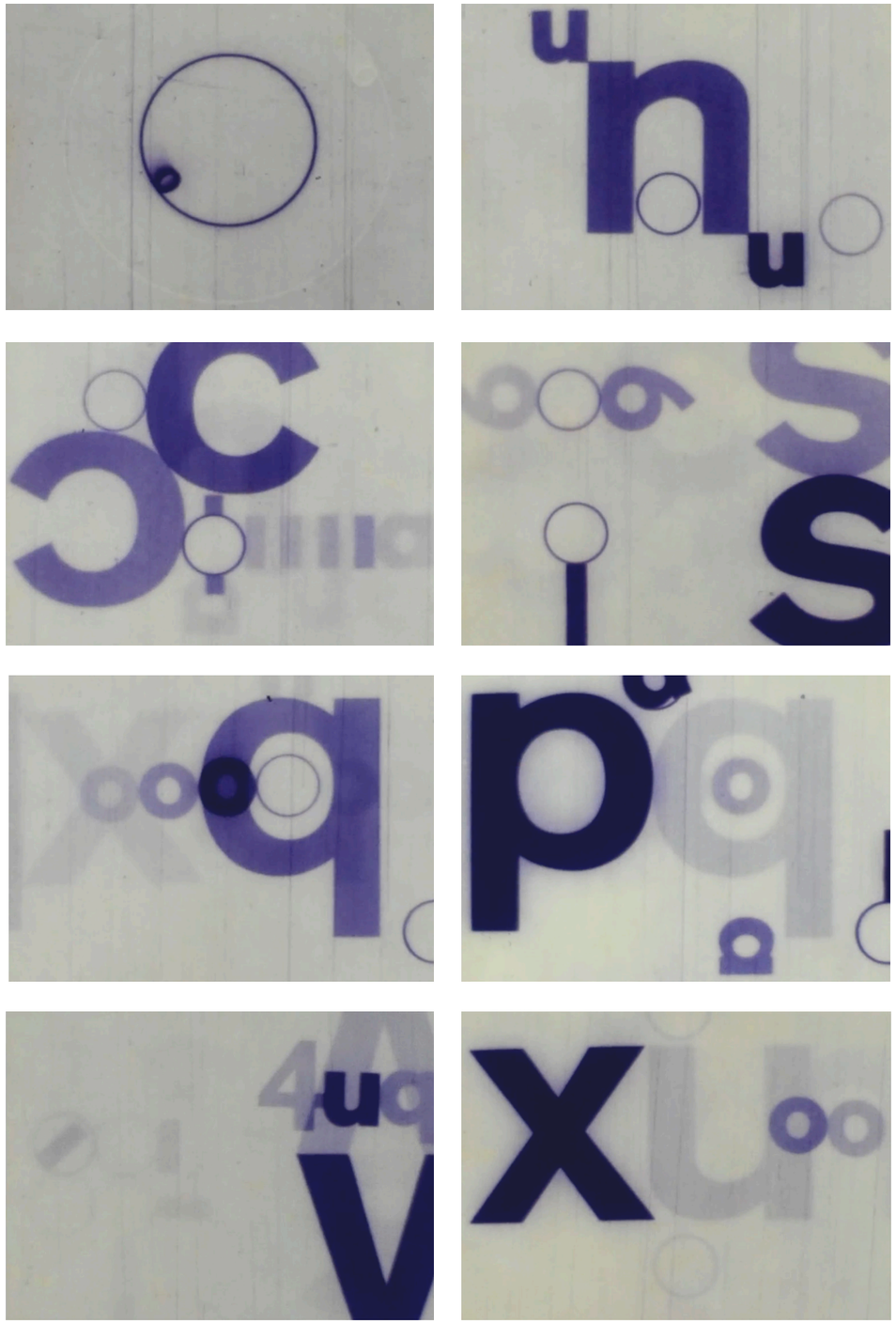
X, 1974
Super 8
3'06''

Marcello Nitsche

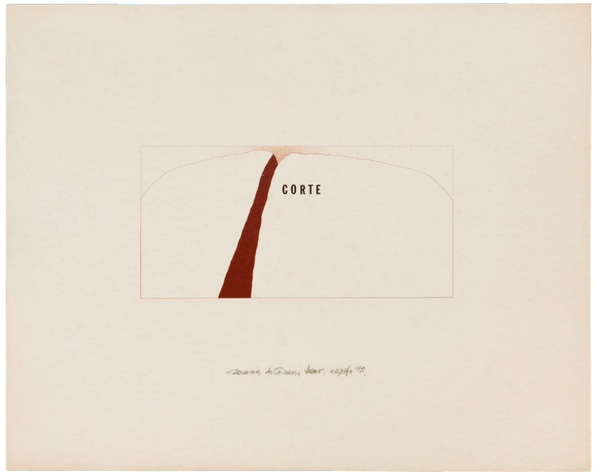
Auto-retrato, 1975
Super 8
9'11''

Mira Schendel

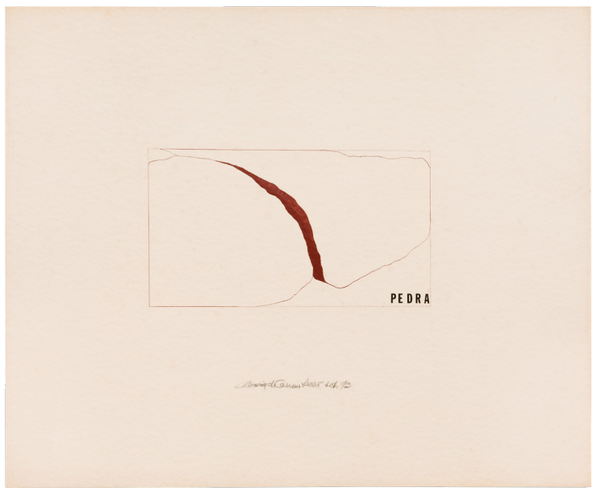
2 Livros visuais. Transformação e composição através de figuras e letras,
1973
Super 8
5'19''



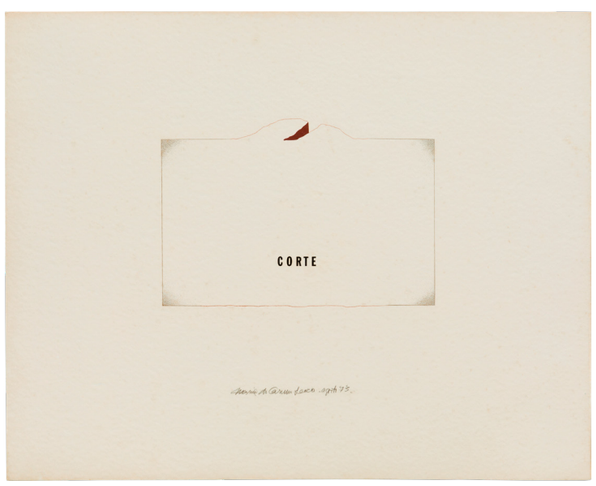
Maria do Carmo Secco



Corte, 1973
Guache e letraset
sobre papel
47 × 60 cm



Pedra, 1973
Guache e letraset
sobre papel
47 × 60 cm



Corte, 1973
Guache e letraset
sobre papel
47 × 60 cm

Luiz Alphonsus

Morning ,1974
Guache, acrílica e
letraset sobre papel
33 × 52 cm

Céu, 1974
Guache, acrílica,
papel artesanal e
letraset sobre papel
33 × 52 cm

Brasilian Sky, 1973
Guache, acrílica e
letraset sobre papel
33 × 52 cm

Galeria Superfície
Rua Oscar Freire 240
01426 000
São Paulo – SP
Brasil
t + 55 11 3062-3576

www.
galeriasuperficie.
com.br

Publicação em
ocasião da exposição
Petite Galerie: Franco Terranova e as vanguardas brasileiras
de 25 de março a 27 de maio
de 2023.

© Galeria Superfície.
Todos os direitos
reservados.

REALIZAÇÃO
Galeria Superfície
Acervo Petite Galerie

DIREÇÃO
Gustavo Nóbrega

CURADORIA
Gustavo Nóbrega

TEXTO
Frederico Morais

REVISÃO
Tiê Higashi

PRODUÇÃO
Julia Lara Lima
Tiê Higashi

IMAGENS
Acervo Superfície

PROJETO GRÁFICO
Estúdio Margem

AGRADECIMENTO
Paola Terranova

VENDAS
Gustavo Nóbrega
gustavo@galeriasuperficie.com.br

Tiê Higashi
tie@galeriasuperficie.com.br

INFORMAÇÕES
info@galeriasuperficie.com.br

Superfície

WANDA PIMENTEL CILDO MEIRELES JAC LEIRNER HÉRCULES BARSOTTI SÉRVULO ESMERALDO LUIZ ALPHONSUS WILMA MARTINS RUBEM VALENTIM PIETRINA CHECCACCI GLAUCO RODRIGUES MIRA SCHENDEL REGINA VATER CARLOS ZILIO ANTONIO MANUEL CARLOS VERGARA MILTON DACOSTA MARIA LEONTINA ANGELO DE AQUINO ANTONIO DIAS MARCELLO NITSCHE ROBERTO MAGALHÃES WILLYS DE CASTRO ALFREDO VOLPI AVATAR MORAES LYGIA PAPE MARIA DO CARMO SECCO RUBENS GERCHMAN SERGIO CAMARGO ANNA MARIA MAIOLINO RAYMUNDO COLLARES